

## A INDISCIPLINA NO COTIDIANO ESCOLAR<sup>1</sup>

Claudevone Ferreira dos Santos\*  
Marinildes Figueredo Nunes\*\*

\* Licenciada em Ciências Biológicas pelas Faculdades Jorge Amado – Salvador – BA e professora da Rede Estadual de Educação do Estado da Bahia. E-mail: [claudevone@yahoo.com.br](mailto:claudevone@yahoo.com.br)

\*\*Licenciada em Ciências Biológicas pelas Faculdades Jorge Amado – Salvador – BA e professora da Rede Municipal de Educação do Município de Salvador. E-mail: [mvnf05@yahoo.com.br](mailto:mvnf05@yahoo.com.br)

**Resumo:** Este artigo traz uma reflexão sobre a indisciplina no cotidiano da escola atual, que tem sido vista como problema, como desvio das normas disseminadas nos sistemas escolares, que inviabiliza a prática educacional. Associada à desordem, ao desrespeito a regras de conduta e à falta de limites, a indisciplina é, freqüentemente, centralizada no aluno, o que evidencia um modo individualizante de lidar com questões produtoras/produzidas do/no cotidiano escolar. Inicialmente, coloca-se em discussão o próprio conceito de indisciplina, explorando-se, a seguir, algumas das suas causas. Destaca-se o enfoque preventivo como estratégia mais adequada para enfrentar o problema e enfatiza-se a necessidade de uma postura compartilhada em relação à indisciplina, na forma de uma política definida em bases democráticas.

**Palavras-chave:** indisciplina; cotidiano escolar; prevenção; soluções.

**Abstract:** This article brings a reflection about indiscipline in the daily routine of the school nowadays. Indiscipline has been seen as a problem, as a transgression of the rules spread in the school system, which makes impossible an effective educational practice. Associated to disorder, to the disrespect of the rules of behavior, and lack of limits, indiscipline is frequently centered on the student, what shows an individual way of dealing with problems that produce and are produced from and in the school daily routine. In the beginning, we put in discussion the concept of indiscipline, exploring next, some of its causes. It is prominent the preventive focus, as a more adequate strategy to face the problem, and it is emphasized the necessity of a shared attitude in relation to indiscipline, in the form of a politics defined in a more democratic basis.

**Keywords:** indiscipline; school daily routine; prevention; solutions.

### 1 A IMAGEM SOCIAL DA ESCOLA

A educação, num sentido mais amplo, não deixa dúvida da sua função social, sendo um fator decisivo da hominização e, em especial, da humanização do homem. Os grupos humanos, constituídos culturalmente como tal, elaboraram, ao longo do tempo, instrumentos, artefatos, costumes, normas, códigos de comunicação e convivência como mecanismos imprescindíveis para sua sobrevivência. Esses mecanismos não se fixam biologicamente nem se transmitem através da herança genética. Os grupos humanos põem em andamento processos externos de transmissão para garantir a sobrevivência das novas gerações e de suas conquistas sociais. Esse processo costuma ser genericamente denominado de educação.

A educação não pode ser considerada como um processo linear, mecânico. Pelo contrário, é um processo complexo e sutil, marcado por profundas contradições e por processos coletivos, contínuos e permanentes de formação de cada indivíduo, o que se dá na relação entre os indivíduos e entre estes e a natureza. A escola é o local privilegiado dessa formação porque realiza um trabalho sistemático e planejado com o conhecimento, com valores, com atitudes e com a formação de hábitos. Em muitos

---

<sup>1</sup> Artigo elaborado com base no Trabalho de Conclusão de Curso apresentado pelas autoras como requisito para conclusão do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, desenvolvido sob orientação da Professora Rosiléia Oliveira de Almeida.

momentos a atuação da escola foi associada à função de formar a classe subalterna, o cidadão dócil e o operário competente, por priorizar a dimensão técnica, ensinando álgebra, ciências e outros conteúdos, sem os quais a força de trabalho não seria capaz, supostamente, de desempenhar de forma satisfatória o seu papel na indústria moderna.

A escola é uma instituição extremamente complexa. Sua função tradicional é a de facilitar a inserção do indivíduo no mundo social. O indivíduo deve aprender as formas de conduta social, os rituais e as técnicas para sobreviver. Ao longo do tempo as funções da escola foram sendo ampliadas, passando a abranger outras, tais como: cuidar das crianças enquanto os pais trabalham; socialização, colocando as crianças em contato com outras e ensinando normas básicas de conduta; aquisição de habilidades básicas como ler, escrever, expressar-se, lidar com a aritmética, os conhecimentos científicos; orientação às crianças nos ritos de passagem para a adolescência, visto que é uma fase bastante difícil devido às mudanças biológicas e psicológicas que ocorrem no organismo. A escola também promove ritos de iniciação de um nível escolar para outro, que às vezes submetem os indivíduos "a provas que servem de seleção para a vida social, que estabelecem discriminações entre elas, pois só as que adquirem as competências estabelecidas pela sociedade serão aceitas". (FRETAG, 1980, p. 32).

Então, a escola tem mais funções do que parece, sendo que o atendimento a tantas e tão diversificadas funções faz com que as crianças acabem permanecendo mais tempo na escola do que em companhia de seus pais. A possibilidade de formar o cidadão para o mercado de trabalho e para a vida está diretamente ligada à frequência escolar, à superação das exigências impostas nas instituições, às adaptações aos ritos de passagem. Portanto, as escolas contribuem para que as sociedades se perpetuem, pois transmitem valores morais que integram as sociedades. Mas elas também podem exercer um papel decisivo nas mudanças sociais.

Integra o conceito social da escola também um conjunto de imagens e representações que a revelam como uma pequena comunidade que realiza o trânsito entre o aconchego do núcleo familiar e a vida "lá fora". Segundo Arroyo (1995, p. 36):

A educação moderna vai se configurando nos confrontos sociais e políticos, ora como um dos instrumentos de conquista da liberdade, da participação e da cidadania, ora como um dos mecanismos para controlar e dosar os graus de liberdade, de civilização, de racionalidade e de submissão suportáveis pelas novas relações sociais entre os homens.

Neste contexto, a escola, como espaço de operacionalização da educação, revela-se um campo privilegiado de produção/difusão de novas práticas/tecnologias.

## **2 O ALUNO E O SEU MUNDO**

Considerando-se que o aluno elabora o seu conhecimento a partir da atribuição de um sentido próprio e genuíno às situações que vivencia e com as quais aprende, processo no qual exerce papel

primordial a capacidade de autonomia, de reflexão e de interação constante com os outros sujeitos e com seu entorno, as separações mente/corpo, cérebro/espírito, homem/natureza não mais se sustentam. Este novo paradigma traz a percepção holística do mundo, a visão de contexto global, a compreensão sistêmica, enfatizando o todo em vez de uma parte. Para Antunes (2002b, p. 38), "somente se aprende quando o novo que chega se associa ao antigo que a mente guarda, e desta maneira nenhum aluno é tabula rasa, mente vazia".

O aluno desenvolve-se em um ambiente familiar em que personalidades diferentes encontram-se interligadas, na busca da satisfação de suas necessidades, sejam materiais ou afetivas. Como lembra Buscaglia (1993, p. 79) "a família é definida como um sistema social pequeno e interdependente, dentro do qual podem ser encontrados subsistemas ainda menores, dependendo do tamanho da família e das definições de papéis".

Os membros da família exercem forte influência no comportamento dos indivíduos em fase de amadurecimento emocional, pois este dependerá, em grande escala, de suas experiências emocionais anteriores, ou seja, aquilo que foi experimentado na infância desempenha importante papel durante os anos de adolescência.

É significativa a influência familiar sobre as atitudes e metas dos jovens. Cada família, como todo sistema, possui uma estrutura determinada, que se organiza a partir das demandas, interações e comunicações que ocorrem em seu interior e com o exterior. Esta estrutura forma-se a partir das normas transacionais da família, que informam sobre o modo e com quem deve relacionar-se cada um dos seus membros. Até hoje a família transmite, avalia e interpreta a cultura para a criança.

Inserida em um contexto social bem mais amplo, a família, numa certa perspectiva, trata-se de uma cultura dentro de outra mais extensa, sobre a qual age e em relação a qual reage. Diante disso, a família não transmite todos os valores sociais, pois a formação de um jovem é fortemente influenciada pela estrutura das escolas e por uma sociedade conflituosa, instável, atingida por constantes mudanças. Nesse cenário, a família deve assumir sua responsabilidade educativa, pois é nela que cada jovem aprende a desenvolver a individualidade, a tornar-se pessoa criativa em busca da auto-realização e a manifestar as qualidades fundamentais para o convívio social.

A família, nos tempos atuais, é fortemente influenciada pelo fator econômico. A falta de estabilidade econômica desestrutura psicologicamente seus membros. A figura do pai, associada ao poder de sustento do lar, deixa de existir à medida que a crise econômica reduz os salários, condicionando famílias a uma total mudança de comportamentos devido à redução do padrão de vida.

Para Aquino (1996a, p. 98), "é impossível negar, portanto, a importância e o impacto que a educação familiar tem (do ponto de vista cognitivo, afetivo e moral) sobre o indivíduo. Entretanto, seu poder não é absoluto e irrestrito". Para resguardar a efetividade de sua função educativa, a estrutura familiar precisa adaptar-se às circunstâncias novas e transformar determinadas normas, sem deixar, no entanto, de constituir um modelo de referência para os seus membros.

A escola e a família são dois sistemas que, tradicionalmente, têm estado bastante afastados, apesar de possuírem freqüentes relações ou interações, seja em nível institucional (associação de pais, conselho escolar, etc.) ou em nível individual (relação família/professor).

A escola, como sistema aberto que compartilha funções e que se inter-relaciona com outros sistemas que integram todo o contexto social, torna-se uma instituição que recebe exigências de outras instituições e na qual convivem formas de agir diversas, muitas vezes desordenadas e frequentemente contraditórias. Também os pais, com diferentes condições sócio-culturais, costumam esperar da escola tarefas educativas muito diversas e, até mesmo, que a escola assuma ações que seriam próprias da família.

É importante que a família defina que tipo de escola deseja para seu filho, no que concerne a aspectos como filosofia, métodos e regras disciplinares. A escola também precisa conhecer quais os valores e expectativas dos pais, para que possa saber se as concepções que permeiam tais expectativas favorecem o entendimento entre ambos, uma vez que a escola e família são duas instâncias nas quais os jovens passam a maior parte de suas vidas.

### **3 A INDISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR**

A disciplina pode ser concebida como uma técnica de exercício de poder, não inteiramente inventada, mas elaborada em seus princípios fundamentais durante o século XVIII. Nesse sentido, falar de indisciplina é evidenciar o não cumprimento de regras estabelecidas.

A disciplina também pode ser vista como o controle do indivíduo no tempo. No entanto, aplicar esse conceito em educação é um tanto quanto perigoso. É freqüente a afirmação, por parte dos professores, que os alunos de hoje são indisciplinados, evocando um saudosismo de uma suposta educação de antigamente, que estabelecia parâmetros rígidos para o uso do corpo e da mente.

Por outro lado, certos comportamentos podem ser considerados por alguns professores como indisciplina, enquanto que, para outros, correspondem apenas a um excesso de vitalidade. Assim, a suposta indisciplina não estaria no aluno, sendo na realidade um sintoma de uma escola incapaz de gerir e administrar novas formas de existência social concreta, que surgem no seu interior, em decorrência das transformações do perfil de sua clientela.

#### **3.1 Possíveis fatores que contribuem para a indisciplina no contexto escolar**

A indisciplina na escola está na ordem do dia. As preocupações de professores, pais e educadores em geral, relativos aos comportamentos escolares dos alunos, têm sido consideráveis nos últimos anos. Constata-se que no contexto educativo, a indisciplina contribui para a exclusão escolar, gerando um

problema social grave. Para Aquino (1996a, p. 40), “embora o fenômeno da indisciplina seja um velho conhecido de todos, sua relevância teórica não é tão nítida”.

A origem dos comportamentos ditos indisciplinados pode estar em diversos fatores: uns ligados a questões relacionadas ao professor, principalmente na sala de aula; outros centrados nas famílias dos alunos; outros verificados nos alunos; outros gerados no processo pedagógico escolar; e outros alheios ao contexto escolar.

### **3.1.1 Fatores relacionados ao professor**

O papel do professor é importante não como figura central, mas como coordenador do processo educativo, já que, usando de autoridade democrática, cria, em conjunto com os alunos, espaços pedagógicos interessantes, estimulantes e desafiadores, para que neles ocorra a construção de um conhecimento escolar significativo.

É necessário que entre os pares estabeleça-se a forma de comunicação necessária para que a aprendizagem significativa ocorra realmente. Vasconcelos (2003, p. 58) diz que:

O professor desempenha neste processo o papel de modelo, guia, referência (seja para ser seguido ou contestado); mas os alunos podem aprender a lidar com o conhecimento também com os colegas. Uma coisa é o conhecimento “pronto”, sistematizado, outro, bem diferente, é este conhecimento em movimento, tencionado pelas questões da existência, sendo montado e desmontado (engenharia conceitual). Aprende-se a pensar, ou, se quiserem, aprende-se a aprender.

Em suma, o ofício docente exige a negociação constante, quer com relação à definição de objetivos e às estratégias de ensino e de avaliação, quer com relação à disciplina, pois esta, se imposta autoritariamente, jamais será aceita pelos alunos.

### **3.1.2 A indisciplina centrada no aluno**

A indisciplina na escola pode ter relação com o fraco rendimento escolar dos alunos. O seu insucesso pode levá-los a investir pouco nas tarefas escolares e a desinteressarem-se pela escola, desencadeando, eventualmente, emoções negativas, traduzidas em comportamentos inadequados. O jovem que não se desenvolveu normalmente manifesta (na escola ou fora dela) comportamentos inadequados, que são muitas vezes julgados como sendo comportamentos indisciplinados. Isso indica, então, a correlação entre indisciplina e moralidade.

### **3.1.3 A indisciplina centrada na família**

A importância da colaboração escola-família é notória, pois, quando as famílias participam da vida escolar, torna-se mais fácil a integração dos alunos e melhora a qualidade do processo de ensino-

aprendizagem. Há estudos que evidenciam que o envolvimento dos pais está positivamente correlacionado com os resultados escolares dos alunos.

O envolvimento dos familiares melhora a imagem da escola e o seu vínculo com a comunidade. Tal envolvimento significa uma educação de sucesso apoiada no binômio escola-família, já que não se aprende só na escola. Nesta, aprende-se a aprender, mas para aprender o indivíduo deverá ser estimulado por um meio ambiente favorável, sendo que é na família que os alunos adquirem os modelos de comportamentos que exteriorizam na sala de aula.

### **3.1.4 A indisciplina centrada na instituição educativa**

Ao começar sua vida escolar a criança vai iniciar um intenso processo de socialização, deparando-se com uma organização escolar que lhe é desconhecida e com uma série de regras que serão interiorizadas e cumpridas a fim de possibilitar uma relação de convivência. Assim, o aluno terá que aprender as novas regras da organização em que acaba de entrar a fim de se comportar adequadamente nas diversas situações. Contudo, nem todos os alunos que passam pela escola se comportam conforme as normas estabelecidas. Muitos alunos rejeitam os objetivos ou os procedimentos valorizados pela escola e pela sociedade, sendo o seu comportamento visto como indisciplinado. Desse modo, a escola, ao não conseguir realizar a socialização comportamental, cria situações de indisciplina nos seus alunos.

As crianças populares brasileiras não se evadem da escola, não a deixam porque querem. As crianças populares brasileiras são expulsas da escola, não, obviamente, porque esta ou aquela professora, por uma questão de pura antipatia pessoal expulsa estes ou aqueles alunos ou reprove. É a estrutura mesma da sociedade que cria uma série de impasses e de dificuldades, uns em solidariedade com os outros, de que resultam obstáculos enormes para as crianças populares não só chegarem à escola, mas também, quando chegam, nela ficarem e nela fazerem o percurso que têm direito. (FREIRE, 1998a, p. 35).

Para Freire (1997), um projeto de escola que busque a formação da cidadania precisa ter como objetivos: tratar todos os indivíduos com dignidade, com respeito à divergência, valorizando o que cada um tem de bom; fazer com que a escola se torne mais atualizada para que os alunos gostem dela; e, ainda, garantir espaço para a construção de conhecimentos científicos significativos, que contribuam para uma análise crítica da realidade.

### **3.1.5 A influência dos grupos e da turma na indisciplina**

Enquanto conjunto estruturado de pessoas, o grupo exerce uma enorme importância nos processos de socialização e de aprendizagem dos jovens. A sua influência acaba por ser decisiva para explicar certos comportamentos que os jovens demonstram e que resultam de processos de imitação de outros membros

do grupo. Certas manifestações de indisciplina não passam, muitas vezes, de meras manifestações públicas de identificação com modelos de comportamento característicos de certos grupos. Através delas os jovens procuram obter a segurança e a força que lhes são dadas pelos respectivos grupos, adquirindo certo prestígio no seio da comunidade escolar. A turma é também um grupo, sem que, todavia, faça desaparecer todos os outros aos quais os alunos se encontram ligados dentro e fora da escola. Numa sociedade em que os grupos familiares estão desagregados, o seu espaço é cada vez mais preenchido por esses grupos formados a partir de interesses e motivações muito diversas.

#### **4 POSSÍVEIS SOLUÇÕES E INTERFÊNCIAS NA INDISCIPLINA**

A indisciplina escolar não é um fenômeno estático, que tem mantido as mesmas características ao longo das últimas décadas. Não há “receitas”, “fórmulas” já prontas para as situações de indisciplina, dado estas serem relacionais e circunstanciais. É preciso situá-la em seus termos, isto é, de acordo com as características e com os condicionamentos do aluno que a provoca ou da situação na qual se manifesta.

Antunes (2002a, p. 25) salienta que “ensinar não é fácil e educar mais difícil ainda; mas não ensina quem não constrói democraticamente as linhas do que é e do que não é permitido”. Os encaminhamentos disciplinares preventivos em nível de escola têm se mostrado efetivos, de acordo com a literatura especializada. Estudos indicam que uma diretriz disciplinar ampla, de base preventiva, é o melhor posicionamento que uma escola pode desenvolver para garantir a disciplina. (GOTZENS, 2003; AQUINO, 1996a, 1996b, 2000, 2003; VASCONCELLOS, 2004; ANTUNES, 2002a, 2002b).

Se o que se deseja é uma escola disciplinada, é importante compartilhar com os estudantes expectativas que reflitam uma apreciação quanto as suas potencialidades e que expressem a visão de que eles devem assumir suas próprias responsabilidades junto à escola.

Um outro elemento preventivo relevante na indisciplina é a adoção da modalidade de tutoria. É uma via polivalente de enorme interesse em que cada professor adota como tutor uma turma ou indivíduos de uma sala de aula ou da escola. Gotzen (2003, p. 66) afirma que “as tutorias são aplicadas mediante a ação coletiva e individual dirigida aos alunos ao longo da sua escolaridade, que incumbe logicamente a eles e a seu tutor, sendo que este último deve zelar pela harmonia entre alunos, professores e pais”.

##### **4.1 Aspectos relacionados ao ambiente da escola**

Deseja-se que a escola seja um espaço humanizado, democrático, onde se cultiva o diálogo e a afetividade, onde se pratica a observação e a garantia dos direitos humanos. Na prática, o que se espera é que a escola assuma um papel educativo e proporcione, através de uma visão sistêmica, a integração de todos os agentes envolvidos no processo, bem como o acesso das novas gerações à herança cultural

acumulada, vista como instrumento para desenvolver competências, aguçar sensibilidades e transformar o ser humano. Para que essa educação represente mudança deve-se cultivar, sobretudo entre os professores, uma postura de interesse pelas metas, realizações e problemas dos estudantes. Para Montoan (2003, p. 16), “nosso modelo educacional mostra há algum tempo sinais de esgotamento e nesse vazio de idéias que acompanha a crise paradigmática é que surge o momento oportuno das transformações”. Essas transformações na escola não ocorrem por acaso ou por decreto, mas pela postura reflexiva e pela vontade coletiva da sua comunidade.

#### **4.2 Aspectos referentes ao papel da direção escolar**

É importante que a direção escolar atue de modo a oferecer apoio aos professores e aos alunos, tendo uma presença constante nos diversos espaços escolares, onde deve manter o relacionamento informal com professores e alunos. Espera-se que a direção escolar: expresse interesse pelas suas atividades, adotando uma postura de administrador-gestor que busca parcerias com outros espaços educativos; implemente inovações educacionais que melhor qualifiquem alunos e professores; desenvolva novas habilidades de estudo nos alunos; e introduza estratégias de aprendizagem cooperativas. Para Castro e Carvalho (2005, p. 41):

[...] Uma escola, diferentemente de uma empresa comercial, não pode se contentar apenas com um administrador, mas precisa de um educador que lidere e crie liderança no percurso de realizações do projeto. Se assim forem conduzidas a definição e a realização de um projeto pedagógico, então, ele será sempre coletivo. Ou o projeto pedagógico será coletivo ou ele não será pedagógico. Neste caso a força para a sua realização estará enfraquecida. [...] Um projeto pedagógico bem definido, com as prioridades colocadas de forma consensual, facilitará sua partilha para além dos profissionais da educação, envolvendo os alunos, os pais e mesmo a comunidade local.

Além disso, é importante gerar modificações no clima e na imagem da escola, através de atividades extracurriculares envolventes que valorizem o papel da escola diante dos seus alunos.

#### **4.3 Aspectos referentes à postura do professor na sala de aula**

É necessário que o professor desenvolva e conquiste maior autonomia para lidar com a indisciplina na sala de aula. Isso não significa deixar o professor sozinho com a indisciplina, mas fomentar um trabalho em parceria, baseado em responsabilidades claramente definidas e no auxílio estratégico da equipe de apoio pedagógico em situações que requerem intervenção. Para Gómez (2000, p. 81):

O ensino é uma atividade prática que se propõe dirigir as trocas educativas para orientar num sentido determinado as influências que se exercem sobre as novas gerações. Compreender a vida da sala de aula é um requisito necessário para evitar a arbitrariedade na intervenção. Mas nesta atividade, como noutras práticas sociais, como a medicina, a justiça, a política, a economia, etc., não se pode evitar o compromisso com a ação, a dimensão projetiva e normativa deste âmbito do conhecimento e atuação.

Assim, se no início do ano letivo há um encontro de desconhecidos, que se comportam com apreensão e que fazem avaliações mútuas, com o tempo, ocorre uma evolução educativa do indivíduo e do grupo, já que são realidades inacabadas que se constroem no processo de desenvolvimento e intervenção.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido à complexidade do tema desse trabalho e a intensidade com que os problemas de indisciplina têm sido vivenciados nas escolas, nossa expectativa é de que essa revisão de literatura se enriqueça no confronto dos educadores com o rico e diversificado cotidiano das instituições escolares de nosso país. Segundo Gotzens ( 2003, p. 22):

A disciplina escolar não consiste em um receituário de propostas para enfrentar os problemas de comportamentos dos alunos, mas em um enfoque global da organização e da dinâmica do comportamento na escola e na sala de aula, coerente com os propósitos de ensino. [...] Para isso é preciso, sempre que possível, antecipar-se ao aparecimento de problemas e só em último caso reparar os que inevitavelmente tiverem surgidos, seja por causa da própria situação de ensino, seja por fatores alheios à dinâmica escolar.

Conclui-se que as escolas precisam desenvolver políticas internas para lidar de forma preventiva com a indisciplina, havendo também a necessidade de programas de formação de professores em serviço voltados para a discussão de problemas vivenciados nas rotinas das escolas, para a idealização de soluções e para sua implementação.

A educação sem esperança não é educação. Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para se tornar concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura esperança, nem tampouco se alcança o que se espera na esperança pura, que vira, assim, esperança vã. (FREIRE, 1998b, p. 11).

Embora seja difícil e complexo lidar com o problema da indisciplina, o professor não pode desistir e nem se acomodar. Não pode deixar que a educação silencie e limite os alunos e que impeça seu desenvolvimento criativo e participativo em sala de aula. Precisa-se de uma educação que valorize as organizações coletivas e que contribua para a construção da autonomia e para o desenvolvimento intelectual dos alunos, a fim de que se conquiste uma sociedade democrática.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. **Professor bonzinho= aluno difícil**: a questão da indisciplina em sala de aula. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002a.

\_\_\_\_\_. **Novas maneiras de ensinar, novas maneiras de aprender**. Porto Alegre: Artmed, 2002b.

AQUINO, J. G. (Org.) **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996a.

\_\_\_\_\_. **Confrontos na sala de aula**: uma leitura institucional da relação professor-aluno. 11. ed. São Paulo: Summus, 1996b.

\_\_\_\_\_. **Do cotidiano escolar**: ensaio sobre a ética e seus avessos. 2. ed. São Paulo: Summus, 2000.

\_\_\_\_\_. **Indisciplina**: o contraponto das escolas democráticas. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2003.

ARROYO, M. G. **Ofício de mestre**: imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2000.

BUSCAGLIA, L. **Vivendo, amando e aprendendo**. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.

CASTRO, A. D.; CARVALHO, A. M. (Org.). **Ensinar a ensinar**: didática para a escola fundamental e média. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998a.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia de esperança**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998b.

FREITAG, B. **Escola, Estado e sociedade**. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GÓMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

GOTIZENS, C. **A disciplina escolar**: prevenção e intervenções nos problemas de comportamento. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar**: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Para onde vai o Professor?** Resgate do professor como sujeito de transformação. 10. ed. São Paulo: Libertad, 2003.

\_\_\_\_\_. **(In)Disciplina**: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 15. ed. São Paulo: Libertad, 2004.B